



A Teologia da Libertação luta contra a pobreza e busca a dignidade entre as pessoas”

“Teologia latino-americana e teologia europeia: interpelações mútuas.” Este foi o tema da Conferência conduzida pelo Prof. Dr. [André Torres Queiruga](#), da **Universidad de Santiago de Compostela**, no anfiteatro Pe. Werner, durante o quarto dia do [Congresso Continental de Teologia](#), realizado na **Unisinos** para mais de 700 pessoas.



De acordo com o Prof. Dr. [André Torres Queiruga](#), cada vez mais a sociedade se encontra em uma cultura global. “Os meios de comunicação, os livros etc. estão fazendo com que o contexto seja cada vez mais universal. Neste sentido, digo que é preciso construir uma teologia integral”, avalia, ao frisar que “temos que perceber que uma teologia será autêntica quando todo o corpo eclesial for autêntico”.

Para [Queiruga](#), toda a sociedade tem o direito de fazer teologia. “E só haverá uma teologia cristã quando esta pertencer a toda a comunidade”, esclarece. Segundo o professor, devemos pensar em ênfases, em maneiras específicas de tentar viver a teologia que todos queremos fazer. “Neste aspecto, uma teologia, como a europeia ou americana, pode ajudar a outra.”

“**Jon Sobrino**”, continua, “dizia que devemos ver a teologia mais pensada com a revolução social, ou seja, pela realização prática de tudo aquilo que é a nossa fé e atitude da igreja. A nossa fé pode caracterizar uma teologia mais empenhada e mais comprometida em aceitar os desafios da modernidade”.

[Teologia da Libertação](#)

A **Teologia da Libertação**, segundo [Queiruga](#), preocupou-se com o pobre, “mas não apenas em nível econômico, porém, pela realização da vida humana, principalmente atendendo aqueles que mais padecem, sofrem”. Para ele, há dois absolutos: **Deus** e a fome. É verdade que se há fome, isso para a pessoa se tornará uma necessidade humana. “É como dizer: primeiro viver depois filosofar”.

Segundo o conferencista, a [Teologia da Libertação](#) travou na história de que não é possível fazer teologia sem enxergar que há pobres e pessoas sofrendo. “Creio que todos nós temos peso na consciência em ver a pobreza. Mas, a maioria de nós não é capaz de grandes heroísmos. A vantagem da **Teologia da Libertação** foi mostrar isso”, diz.

“Se olharmos o que o [Concílio Vaticano II](#) tentou fazer, que foi colocar a igreja em dia, veremos que realmente isto aconteceu. E foi a **Teologia da Libertação** que acolheu a práxis da fé; que viu que uma fé sem obras é morta”, pontua. E acrescenta: “A **Teologia da Libertação** luta contra a pobreza e busca a maior dignidade entre as pessoas. É uma aventura de nível histórico, não se apagará jamais na história. E esse é o seu maior mérito”.

Mudança

Para **Queiruga**, a igreja deve começar de baixo. “Fazer uma leitura popular da **Bíblia**, que mobilize pessoas”, continua. E diz: “Este mesmo fato de começar de baixo, de fazer com que as pessoas participem da vida social, torna a religião mais próxima. Isso podemos perceber na Europa”.

[Luta pela terra](#)

“A luta pela terra mãe é algo que a [Teologia da libertação](#) revitalizou”, afirma. “E esta teologia, além disso, comunicou na teologia feminista, asiática, africana. Isso é um viveiro de ideias e de novas orientações. No fundo, obrigou a todos a não esquecer o pobre, especialmente o pobre crucificado. A [Teologia da Libertação](#) falou: ‘vocês não podem esquecer os pobres’. E esse é um chamamento universal para toda a igreja”, completa o docente, ao analisar que a teologia mais avançada é ainda muito fundamentalista em sua forma de ler a escritura. “A **Bíblia**, em seu conjunto, é uma interpretação da existência humana e do mundo humano.”

Para **Queiruga**, há uma autonomia da natureza, da sociedade, do sujeito humano. “Tudo isso é muito importante. E se não existisse, seria impossível existir a **Teologia da Libertação**”, conta, ao analisar que não devemos pensar apenas na prática, mas de formar interiormente as pessoas. Para ele, ademais, sacralizar a terra não é o mais correto, pois “só **Deus** deve ser sacralizado”. E completa: “Não se deve colocar no mesmo nível a terra e a pessoa humana”.

De acordo ainda com o Prof. Dr. [André Torres Queiruga](#), a humanidade é a única espécie capaz de transcender o seu meio. “Há uma hierarquia clara e evidente. A evolução nos ajuda a pensar isso.” E acrescenta: “Não pretendo negar nenhum dos valores. Acredito que as pessoas têm direito, e não a terra, isso sempre pensando na humanidade, no pobre”.

Teologia da Secularização

“A **Teologia da Secularização** também precisa levar em consideração que vivemos em um mundo desencantado, onde não há espíritos voando por aí, tudo o que acontece no mundo tem causas humanas e exclusivamente humanas”, afirma **Queiruga**. Para ele, devemos levar em conta que a secularização e o desencantamento ainda não chegaram a todo o mundo, “mas estão chegando. Os avanços tecnológicos estão mudando toda a mentalidade humana”.

Queiruga avalia ainda que a fé e a teologia devem ser pensadas para o futuro. “O que vale para nós, temos que aspirar valer para todas as pessoas, porque vivemos em uma humanidade onde todos somos iguais.”

Em relação à cultura secular, o professor pondera que “dar-se conta de que o intervencionismo divino acabou. Ou seja, pensar que peço uma coisa para **Deus** e Ele atende, acabou ou penso que isso deve acabar. É como ir para a igreja pedir para **Deus** curar de uma doença”. E exemplifica: “Se eu tiver o dedo cortado e for para o sacrário pedir para **Deus** curar a hemorragia, vou morrer. Deus conta, mas em outro nível. Ele me impulsiona para que eu, com toda a dignidade, faça o possível, no caráter humano, para consertar o que pode ser

consertado”. Para [Queiruga](#), devemos aprender a orar neste novo contexto – “e acredito que não faz sentido a oração de repetição”.

A reportagem é de **Thamiris Magalhães** Foto: **Natália Scholz**